

O que Pensam e Sabem sobre Sustentabilidade os Futuros Profissionais? Os Conhecimentos sobre Meio Ambiente e as Práticas Sustentáveis de um Grupo de Universitários Cariocas

Autoria: Veranise Jacobowski Correia Dubeux, Sílvia Borges Correa

Resumo:

O presente trabalho teve como objetivo analisar a compreensão de conceitos e as práticas ambientais relacionadas à sustentabilidade entre jovens universitários de uma IESP da cidade do Rio de Janeiro. A fundamentação teórica desta pesquisa parte das idéias de civilização dos costumes e de processo civilizador, apresentados por Norbert Elias, e de ambientalização, desenvolvido por Leite Lopes, a fim de revelar a percepção, o interesse, o conhecimento e as práticas desses jovens a respeito do tema sustentabilidade ambiental. A ambientalização é entendida como um tipo particular de processo civilizador (ELIAS, 1994a; 1994b) que se traduz numa onda “ambientalizante” ou “ecologizante” que inunda vários campos da vida social, a partir de um dado momento. Palavras como poluição e meio ambiente, a partir da década de 1970, e num ritmo e quantidade crescentes desde então, passaram a estar presentes nos meios de comunicação de massa, na educação, na publicidade, na política, enfim, em vários âmbitos do cotidiano da sociedade contemporânea – com mais ou menos intensidade, variando de uma coletividade para outra. Entretanto, como argumenta Lopes et al (2004), meio ambiente e questão ambiental são noções que propiciam diferentes interpretações e apropriações. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se, fundamentalmente, de uma pesquisa quantitativa, envolvendo a técnica do *survey*, que consiste na aplicação de questionários estruturados e padronizados a uma amostra representativa do universo investigado. Entre as conclusões da pesquisa, verificou-se que, se por um lado, esses jovens se consideram bem informados sobre questões ligadas a meio ambiente e sustentabilidade, de outro, como já se sabe para tantos outros aspectos da vida social, informação não implica em atuação. Ser – ou se considerar – bem informado não significa que esses jovens atuem de maneira a sempre colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Meio ambiente é uma questão que os mobiliza, mas que também gera desconfiança no que tange às atuações, no campo ambiental, de governos e empresas. A maneira como esses jovens se ambientalizam passa, portanto: pelo conhecimento dos problemas e dos conceitos da área ambiental; por algumas práticas cotidianas de proteção do meio ambiente (como a redução do desperdício de recursos naturais, o “consumo consciente” e a conscientização das pessoas sobre os problemas ambientais, mas, por outro lado, não praticam boicotes a empresas e/ou produtos que agridem o meio ambiente, não contribuem com dinheiro e não trabalham como voluntários em organizações de defesa do meio ambiente); e pela percepção de que, as entidades ecológicas, os indivíduos e os governos são agentes responsáveis pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade. A pesquisa também revelou que esses jovens, que em breve estarão no mercado de trabalho, desconsideram o empresariado como elemento responsável pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade.

1. Apresentação

Nas últimas duas décadas algumas novas palavras do campo ambiental passaram a fazer parte do léxico de diversos atores e segmentos sociais, entre elas sustentabilidade. Inicialmente mais restrita ao âmbito do movimento ambientalista, o termo sustentabilidade penetrou em outros campos, como o governamental, o acadêmico e o empresarial, e ganhou destaque na mídia, impulsionando seu uso tanto em discursos mais formais como em conversas do cotidiano. Mas, sustentabilidade é, como outros tantos conceitos, passível de diversas interpretações e de empregos variados em distintos contextos. O presente trabalho tem, em linhas gerais, o objetivo descortinar como um segmento social específico – a juventude – compreende e traduz o conceito e as questões que envolvem as práticas relacionadas à sustentabilidade. Em termos mais específicos, trata-se de analisar a compreensão de conceitos e as práticas ambientais relacionadas à sustentabilidade entre jovens universitários de uma IESP da cidade do Rio de Janeiro que oferece, dentre outros, o curso de Administração.

2. Embasamento Teórico: a Juventude e a Questão Ambiental

Entre as questões presentes no universo das novas gerações, aquelas referentes à sustentabilidade, a um futuro sustentável, e que pautam a possibilidade, senão a existência, de um comportamento ambientalmente orientado, têm sido incorporadas aos estilos de vida da juventude, pois, para esta, a “adesão” aos comportamentos ambientalmente corretos seria, de certa forma, naturalizada.

“As novas gerações (...) são as primeiras a incorporar as mudanças em seu sistema de comportamento. A juventude tem maiores possibilidades de desenvolver ‘contatos originais’ com a cultura. As pessoas mais velhas, que vivem dentro de um quadro de referências já consolidadas, adquiridas pessoalmente em experiências passadas, vivem as novas experiências de forma já em grande parte determinada por esse modelo anterior. A *atualidade* da juventude, assim, consiste em estar mais próxima dos problemas presentes.” (ABRAMO, 1994, p. 49, itálico da autora)

Além do fato de as novas gerações terem, comparadas às gerações anteriores, maior familiaridade com a temática ambiental, uma vez que já nasceram num tempo em que os problemas ambientais eram bastante conhecidos do ponto de vista científico e massivamente divulgados pela mídia, o meio ambiente é frequentemente apontado como uma questão através da qual haveria uma possibilidade de mobilização planetária, reflexo de um crescente processo de ambientalização¹ das sociedades. O meio ambiente constitui, portanto, um terreno privilegiado para uma reflexão sobre a emergência de novos discursos e de novas formas de comportamento, de manifestação, de obrigação e de responsabilidade, tratando-se de um tema complexo que superpõe domínios de competências muito diversas e, em grande parte, interesses divergentes de grupos sociais (FABIANI, [199-?]).

Palavras como poluição e meio ambiente, a partir da década de 1970, e num ritmo e quantidade crescentes desde então, passaram a estar presentes nos meios de comunicação de massa, na educação, na publicidade, na política, enfim, em vários âmbitos do cotidiano da sociedade contemporânea – com mais ou menos intensidade, variando de uma coletividade para outra. Entretanto, como argumenta Lopes et al (2004), meio ambiente e questão ambiental são noções que propiciam diferentes interpretações e apropriações. O processo

ambientalizador é entendido como um tipo particular de processo civilizador (ELIAS, 1994a; 1994b) que se traduz numa onda “ambientalizante” que inunda vários campos da vida social, a partir de um dado momento. Tomada como resultado de um tipo de processo civilizador, a ambientalização das sociedades seria melhor entendida através da utilização da expressão processo ambientalizador. Para o caso do meio ambiente, utilizar o conceito de processo social, tal como Elias o apresenta, permite perceber que se trata de um fenômeno que se desenvolve de múltiplas formas e sem um ponto final definido; há uma constante mutação. Com isso, estamos querendo dizer que a incorporação do meio ambiente como problema/questão para as sociedades é um fenômeno social que não tem um final previsto ou previsível. São possíveis “avanços” e “retrocessos” em relação às ações de preservação ambiental, momentos em que o meio ambiente seja mais ou menos tido como algo relevante. Assim, nos parece possível contextualizar a questão ambiental tomada como uma questão relevante para as sociedades. Aquilo que hoje é visto como uma variável importante para a vida em sociedade, no futuro pode não ser mais tão importante assim. O que queremos destacar é que, ao utilizar as idéias de processo civilizador para analisar as transformações no âmbito das sociedades no que tange à introdução da preocupação com o meio ambiente, estamos afirmando que a história desse processo de ambientalização e o próprio processo são produtos de uma racionalização. As sociedades passam a “pensar” o meio ambiente. Outro aspecto que nos parece importante destacar é que no caso do meio ambiente, se pensamos nas mudanças na sociedade, ou ainda, se consideramos a periodização da questão ambiental recorrentemente utilizadaⁱⁱ, o prazo em que essas mudanças vêm se processando é relativamente curto: estaremos falando de algumas décadas e não de séculos. Essa periodização dá conta de que essas transformações – a ambientalização da sociedade – teriam como ponto de partida a década de 1970, quando acontece a Conferência de Estocolmo (1972) e é criada uma série de instituições voltadas para essa questão do meio ambiente.

A ambientalização possui um lado universalizante, como uma postura desejável a todos os indivíduos e a qualquer grupo social. Ou seja, o meio ambiente seria algo que vale igualmente para todos. Apesar de se desejar universalizante, o processo vai tomar configurações particulares, sendo possível perceber o seu lado mais específico, isto é, a maneira como determinados indivíduos ou grupos sociais aderem a essa etiqueta. Em outras palavras, se o processo ambientalizador é uma onda que a todos atinge, cada um irá surfar essa onda da maneira que lhe for possível ou conveniente. Assim, apesar de se pretender universalizante, adquirindo tons civilizadores e, em certo sentido, colonialistas, o processo ambientalizador vai ter nuances. É essa possibilidade de matizar a ambientalização que queremos apresentar agora, mostrando como um segmento específico de jovens percebe as questões ambientais e de sustentabilidade.

Assim, tomando a ambientalização como um processo civilizador, entendemos, por um lado, que é um processo de transformação que tem uma abrangência “universalizante”/“global”, mas que, por outro lado, se desenvolve adquirindo contornos “particularizantes”/“locais”. Se afirmarmos, por um lado, que as sociedades estão se ambientalizando, de outro, afirmamos que cada sociedade vai se ambientalizar a seu modo. É nessa perspectiva que também recorreremos ao trabalho de Sahlins (1985,1994), acerca das interpretações particulares que um mesmo objeto ou evento geram, como uma contribuição capaz de ser reveladora no que tange à visão relativizadora da internalização da questão ambiental pelas sociedades. Diante do meio ambiente, cada sociedade reinterpretaria as informações e reelaboraria suas práticas e imaginários específicos (particulares) a partir dessa temática que é geral (universal). Através

desta perspectiva, aquilo que poderia ser visto como uma posição passiva e apenas reativa das sociedades, aceitando ou aderindo a um discurso ambiental internacional, passa a ser analisado como circunstâncias que, embora definidas e impostas pelos rumos do capitalismo mundial e da própria ideologia ecológica, são moldadas pelas sociedades através de imagens e ações simbólicas que o evento suscita mediante o próprio esquema cultural.

No caso específico do Brasil, uma importante pesquisa sobre meio ambiente e sustentabilidade realizada periodicamente desde 1992 – a pesquisa ISER/MMAⁱⁱⁱ *O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente* – revela que vem crescendo a chamada “consciência ambiental” no país (ISER, 2006). Embora esse crescimento seja verificado de maneira geral e seja pouco diferenciado em relação às regiões, ao gênero e às religiões, ele é significativamente maior entre a população de maior escolaridade, associada à maior renda e à residência em cidade de grande porte. É neste contexto, que poderia ser chamado de ambientalização da sociedade brasileira, que emerge a questão ambiental entre as camadas mais jovens do país.

De acordo com os dados da pesquisa *Projeto Jovem* (CAEPM, 2008, 2009), o perfil socioeconômico dos jovens alunos da IESP^{iv} por nós pesquisada se encaixa exatamente no perfil populacional apontado pela já referida pesquisa, de caráter nacional (ISER, 2006), como sendo aquele de maior “consciência ambiental”. Paralelamente, reconhecendo a importância de investigar o tema junto aos jovens, a MTV, que nos últimos anos vem realizando e divulgando relevantes pesquisas que traçam um perfil da juventude brasileira, produziu o quarto *Dossiê Universo Jovem* que trata especialmente da sustentabilidade (MTV BRASIL, 2008). Inspirados por essas duas referências empíricas partimos para a construção de uma pesquisa a fim de investigar de que maneiras determinado segmento social – uma parcela da juventude universitária – compreende e traduz o conceito e as questões que envolvem as práticas relacionadas à sustentabilidade. Em termos mais específicos, tratamos de analisar a compreensão de conceitos e as práticas ambientais relacionadas à sustentabilidade entre jovens universitários de uma IESP da cidade do Rio de Janeiro.

3. Aspectos Metodológicos

Quanto aos procedimentos metodológicos, optou-se por uma pesquisa quantitativa, envolvendo a técnica do *survey*, que consiste na aplicação de questionários estruturados e padronizados a uma amostra representativa do universo investigado. Visando dar conta das transformações que se processam ao longo da trajetória acadêmica deste grupo de jovens, esta pesquisa se insere num projeto de âmbito mais abrangente de um estudo longitudinal que permitirá perceber tanto as mudanças mais gerais na vida dos jovens como as possíveis mudanças na visão que os mesmos têm sobre os conceitos e as práticas de sustentabilidade, ou seja, o processo de ambientalização e a nova etiqueta ambiental.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário com 17 questões objetivas, através das quais buscamos dados relativos aos conhecimentos e à percepção dos jovens sobre questões sobre meio ambiente e sustentabilidade. Algumas questões foram inspiradas na já citada pesquisa realizada periodicamente pelo ISER, a fim de que tivéssemos uma base para possíveis comparações entre as percepções da população brasileira e da nossa amostra de jovens. Os questionários impressos foram aplicados, entre os meses de março e abril de 2010, em algumas turmas de todos os períodos dos cursos de graduação oferecidos pela IESP. Esses

estudantes foram convidados a responder a pesquisa, mas a participação não era obrigatória e, ao final do período, obtivemos 296 questionários respondidos, o que representa 24,54% dos alunos de graduação da Instituição.

Os dados, coletados por meio de questionários, foram armazenados em banco de dados do Excel para Windows (*Microsoft Corporation*). A análise e interpretação dos dados obtidos na fase descritiva da presente pesquisa foram feitas com o auxílio do *software* SPSS v18 (*Statistical Package for the Social Science*) para Windows.

4. Análise dos resultados: a Visão de Universitários Cariocas sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade

Para iniciar a análise dos resultados obtidos buscou-se, a princípio, identificar o perfil dos 296 respondentes por meio de algumas questões do questionário da pesquisa e também por meio de informações de pesquisas anteriores feitas pela própria IESP. A seguir passamos a descrever esse perfil.

A idade da grande maioria dos respondentes varia entre 17 e 25 anos, e não há predominância significativa de gênero, com uma pequena vantagem feminina, seguindo a tendência geral mundial. Com relação à renda das famílias, somente 31,5% dos alunos afirmam saber da renda familiar; os demais 68,5% apenas estimam o valor da renda. Mais de 50% dos alunos que afirmam saber da renda familiar dizem que a mesma é entre R\$5.000,00 e R\$12.000,00. Pode-se considerar que a renda média familiar dos alunos desta IESP é alta quando comparada à renda média familiar na cidade do Rio de Janeiro. Sobre as profissões dos pais, as mais citadas são: dono do próprio negócio, funcionário de empresa privada e funcionário liberal, nesta ordem; já as profissões das mães oscilam muito, mas predominam as profissionais liberais. A maioria absoluta dos pais dos alunos possui um alto grau de escolaridade – mais de 60% possuem graduação completa e pós-graduações (especialização, mestrado, doutorado etc.).

Em relação à estrutura familiar aproximadamente 60% dos respondentes são filhos de pais casados ou que vivem juntos e 40% de pais divorciados. Outra informação interessante sobre esses jovens é que cerca de 52% afirmam ter um ídolo, e os ídolos mais citados estão sempre dentro do círculo familiar: mães, pais, irmãos, avós etc.

O perfil acima traçado dos alunos da IESP e de suas famílias caracteriza um grupo social que se enquadra entre aquele que a pesquisa nacional realizada pelo ISER aponta como sendo o grupo no qual a chamada “consciência ambiental” mais cresce no país: população de maior escolaridade, associada à maior renda e à residência em cidade de grande porte.

Descrito o perfil socioeconômico, passamos à análise das questões sobre sustentabilidade dirigidas a esses jovens alunos, que cursam entre o primeiro e o oitavo período de cursos de graduação. Cabe ressaltar que a grande maioria dos pesquisados apenas estuda e somente 28% trabalham ou estagiam.

Quando perguntados sobre os principais problemas^v do Brasil, educação (67,6%) e violência/criminalidade (60,8%) são os dois itens mais citados; quando se trata da cidade do Rio de Janeiro os principais problemas são os mesmos, mas a ordem muda: a

violência/criminalidade (92,2%) aparece como um problema muito mais grave do que a educação (47,0%) (Figuras 1 e 2). O meio ambiente, comparativamente aos demais problemas apresentados, não é percebido como um problema importante para o país (6,8%) e muito menos para a cidade (4,4%).

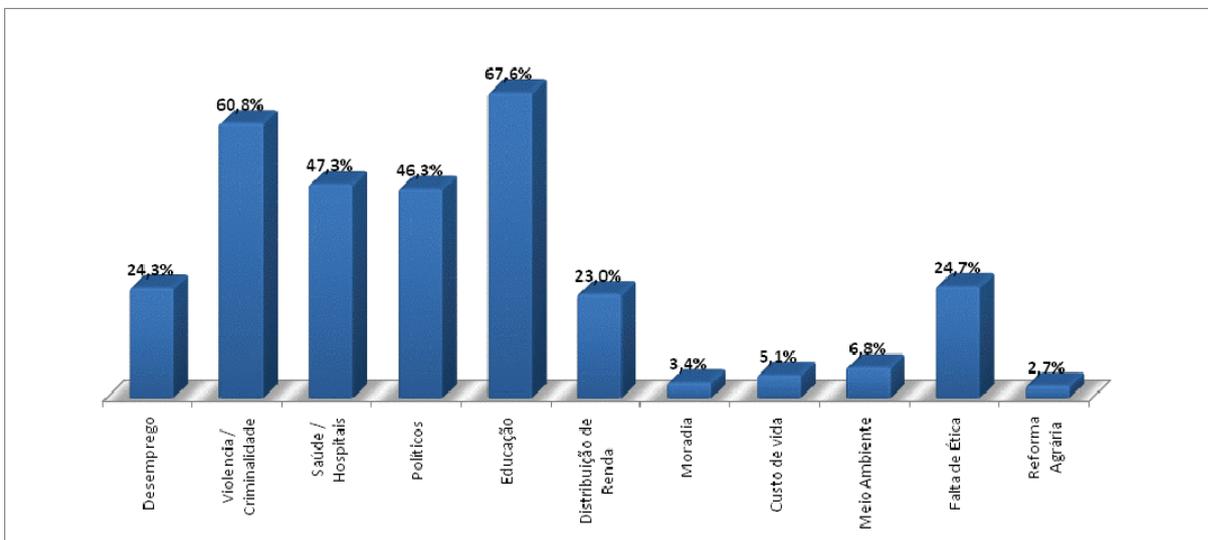


Figura 1 – Gráfico da Pergunta: Quais são os principais problemas do BRASIL?

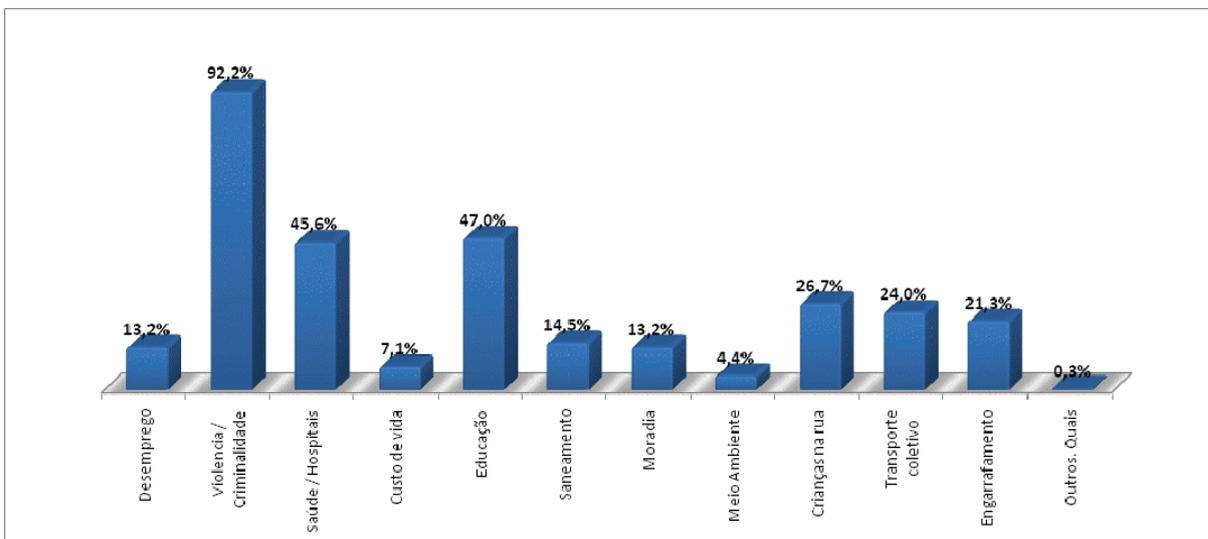


Figura 2 – Gráfico da Pergunta: Quais são os principais problemas do RIO DE JANEIRO?

Se os problemas da cidade parecem claros para os jovens, as soluções, como se vê na Figura 3, nem tanto. É interessante verificar que a maioria não crê que os grandes eventos esportivos – Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e Jogos Olímpicos, em 2016 – a serem realizados no Rio de Janeiro poderão contribuir para a solução dos problemas ambientais. Tampouco acreditam que esses eventos deixarão um legado de consciência ambiental para os moradores

da cidade, pois os jovens discordam ou não têm opinião formada a esse respeito, posição evidenciada pelo percentual de neutralidade muito elevado (27%).

AFIRMATIVAS	Discordo Totalmente	Discordo em Parte	Não concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo Plenamente
Os grandes eventos esportivos que estão para ocorrer no RIO DE JANEIRO (Copa 2014 e Olimpíada 2016) contribuirão efetivamente para a solução dos problemas ambientais e para a melhoria das condições do meio ambiente na cidade.	14%	29%	17%	35%	4%
	43%		17%	39%	
Esses eventos citados acima deixarão um legado de consciência ambiental entre os moradores da cidade do RIO DE JANEIRO.	14%	31%	27%	23%	4%
	45%		27%	27%	

Figura 3 – Quadro com os percentuais das afirmativas referentes a eventos esportivos – Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e Jogos Olímpicos, em 2016.

Para os jovens pesquisados o meio ambiente significa, prioritariamente, natureza: elementos como matas, solo, mares, rios e animais fariam parte do meio ambiente, mas, na visão de muitos desses jovens, seres humanos e suas construções (cidades, sítios, favelas, etc.) não seriam incluídos na categoria meio ambiente (Figura 4).

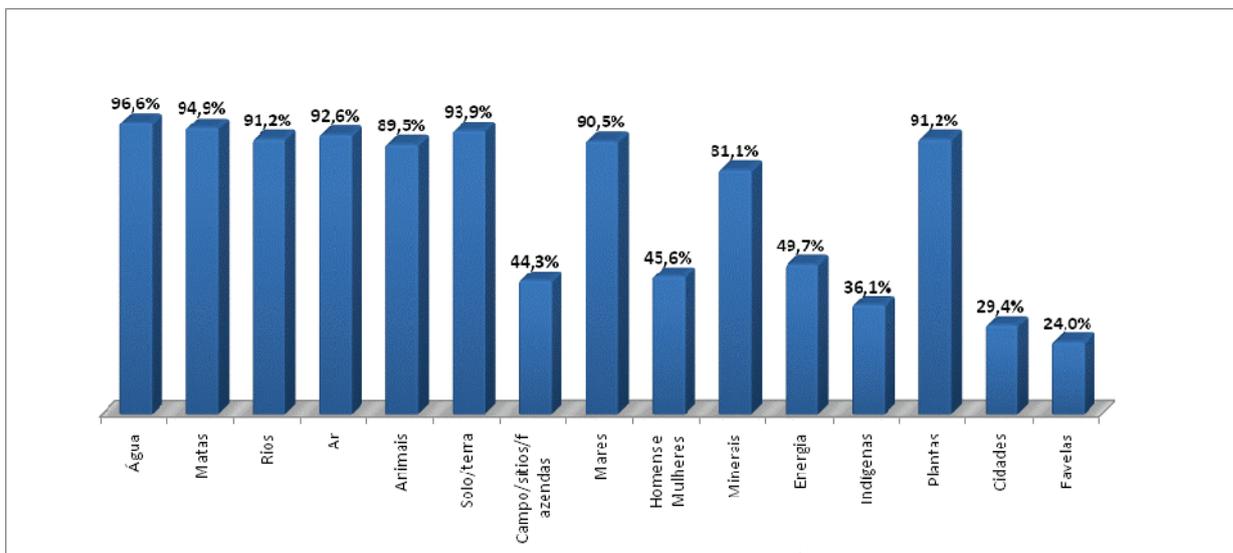


Figura 4 – Gráfico que indica que elementos fazem parte do meio ambiente, na opinião dos respondentes.

O desmatamento é espontaneamente citado como o maior problema ambiental do Brasil, já na cidade do Rio de Janeiro o maior problema ambiental é a poluição – simplesmente poluição ou suas variantes: poluição do ar, dos rios, dos mares, das praias e da Baía da Guanabara.

Uma questão importante de ser analisada é aquela relacionada às práticas de proteção do meio ambiente e de promoção da sustentabilidade realizadas pelos jovens no cotidiano (Figura 5). Entre as opções apresentadas, reduzir o desperdício de recursos naturais surge como a principal ação cotidiana (75,7%). Os jovens afirmam procurar praticar o consumo consciente^{vi}

(63,5%) e também conscientizar as pessoas sobre os problemas ambientais (48,6%), opções que revelam uma prática correspondente a uma faceta importante do processo ambientalizador e da nova etiqueta ambiental, teoricamente já descritos neste trabalho. A reciclagem de materiais e a coleta seletiva (28%), e a compra de produtos ecologicamente corretos ou de produtos de empresas ambientalmente responsáveis (27,4%) são relativamente pouco citadas, mas opções como boicote a empresas e/ou produtos que agredem o meio ambiente (4,4%), contribuir com dinheiro (4,1%) ou trabalhar como voluntário em organizações de defesa do meio ambiente (2,4%) realmente não fazem parte do cotidiano dos jovens.

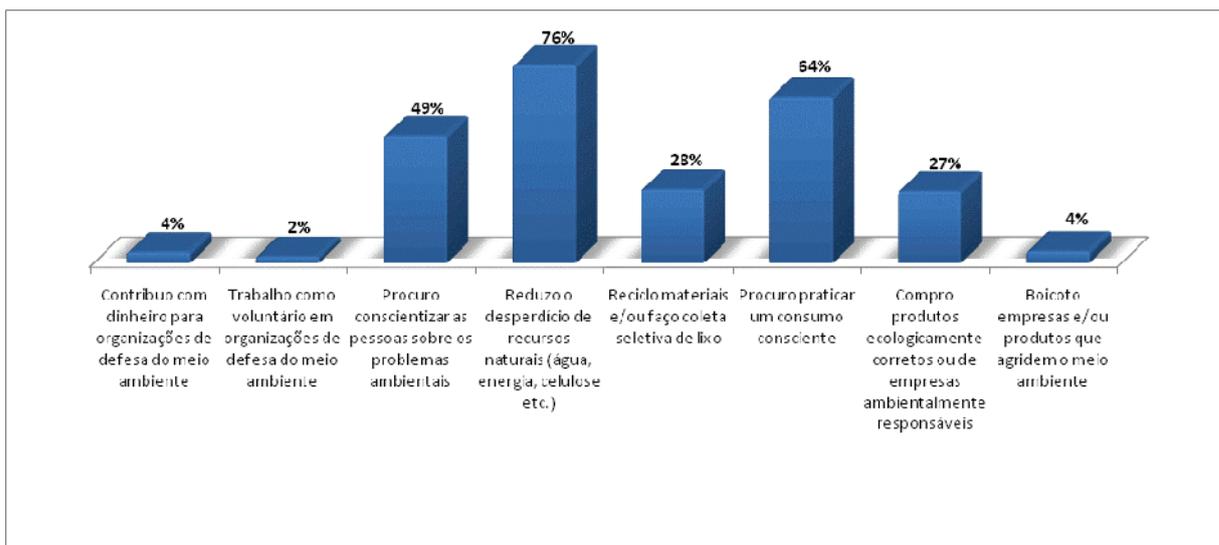


Figura 5 – Gráfico da Pergunta: O que você efetivamente faz no seu cotidiano para proteger o meio ambiente e promover a sustentabilidade?

Ressalta-se que 76,4% dos respondentes identificam alguma preocupação ou prática sustentável em casa e/ou na IESP e/ou na empresa em que trabalham (ou estagiam). Em relação a este grupo, observa-se que 64,9% dos jovens identificam alguma preocupação e/ou prática sustentável nas suas casas. Essas preocupações e práticas estão relacionadas à redução de desperdício (de energia e água) e à coleta seletiva de lixo. Quando se trata da IESP, 52% identificam alguma preocupação ou prática sustentável na Instituição; sendo a mais citada o uso de papel reciclado^{viii} (Figura 6).

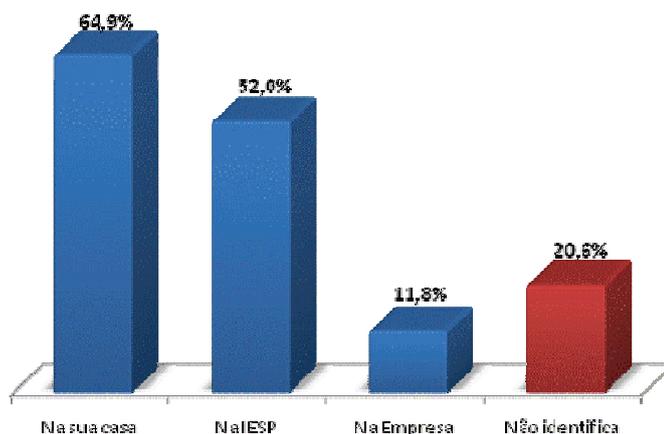


Figura 6 – Gráfico: Onde o respondente identifica alguma preocupação/prática sustentável?

Com relação aos atores sociais considerados pelos jovens como aqueles mais responsáveis pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade, as entidades ecológicas, os indivíduos e os governos são, nesta ordem, os mais citados. Os menos responsáveis seriam as associações de bairros ou moradores e os empresários (Tabela 1).

Tabela 1 - Atores sociais responsáveis pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade ambiental. (Escala: 1 para o mais responsável e 8 para o menos responsável).

Atores sociais	1	2	3	4	5	6	7	8
Entidades Ecológicas	35,5%	14,5%	8,1%	8,1%	9,5%	7,1%	8,4%	5,1%
Cientistas	5,7%	12,8%	11,1%	11,1%	12,2%	18,6%	11,8%	12,5%
Meios de comunicação	6,1%	13,9%	21,6%	17,2%	18,6%	9,5%	7,1%	2,7%
Organizações Internacionais	6,8%	9,8%	14,5%	16,9%	12,2%	13,2%	11,1%	11,1%
Governos	19,9%	17,9%	8,4%	8,1%	9,8%	8,4%	9,8%	14,2%
Empresários	3,0%	8,8%	11,1%	9,5%	10,1%	11,8%	22,3%	19,3%
Associações de Bairro ou de Moradores	2,4%	7,4%	9,5%	14,5%	14,5%	13,9%	14,2%	19,9%
Indivíduos	29,1%	10,1%	11,5%	7,8%	8,4%	10,5%	8,4%	10,8%

Em geral, os jovens afirmam se considerar bem ou muito bem informados sobre questões relacionadas à sustentabilidade e ao meio ambiente (aproximadamente 65%), e a maioria deles responde corretamente as questões de conhecimento sobre esses assuntos presentes no questionário da pesquisa^{viii}. Os temas sobre os quais eles se consideram mais informados são: ecologia (71%), desenvolvimento sustentável (59%) e responsabilidade socioambiental (43%); já aqueles sobre os quais eles se percebem menos informados são: biodiversidade (14%), organismos transgênicos (24%) e, surpreendentemente, sustentabilidade (23%), (Figura 7).

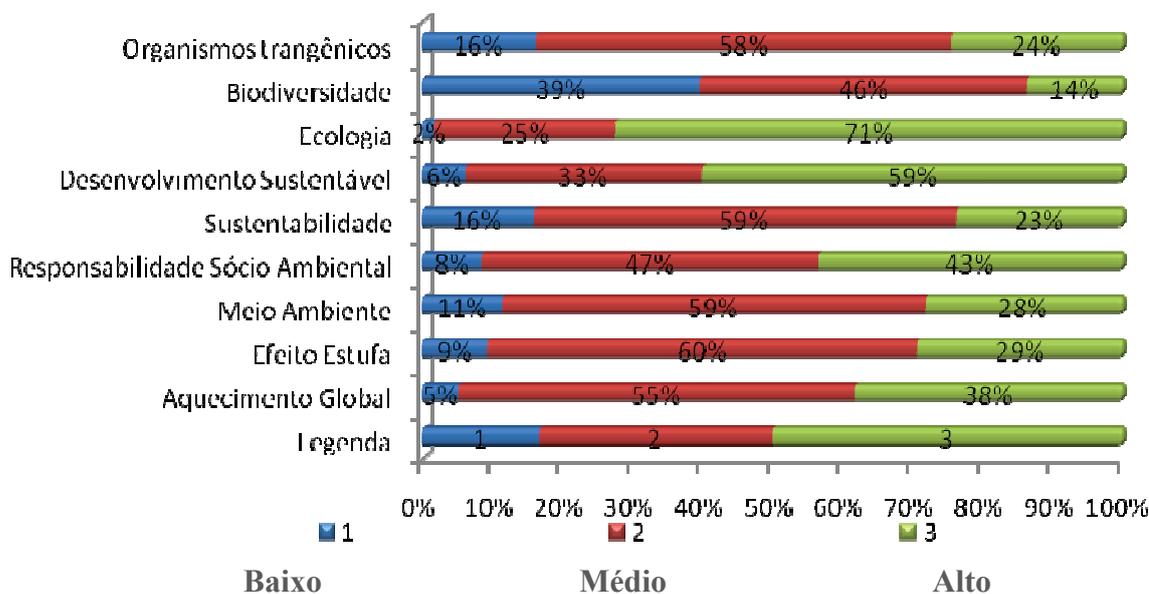


Figura 7 – Gráfico: Grau de conhecimento sobre cada tema. Escala considerada nesta questão: 1 = baixo, 2 = médio e 3 = alto.

Os jovens se informam sobre esses temas por vários meios, sendo os mais importantes a internet, a televisão, as revistas, as escolas, a faculdade (esta, menos do que as escolas). Livros são os meios menos utilizados como fonte de informação (Figura 8). A forte presença da internet não chega a surpreender, uma vez que esses jovens fazem parte da assim chamada *Geração Y* ou *Geração Internet*, caracterizada por ser “a primeira geração imersa em bits” (TAPSCOTT, 2010, p. 28). Segundo o referido autor, nessa geração, de pessoas nascidas entre 1977 e 1997, a mudança mais significativa ocorrida foi o advento do computador pessoal, da internet e das demais tecnologias digitais. Além disso, outra mudança importante foi a redução das horas que essa geração despense em frente à televisão, quando comparada às gerações que a antecederam.

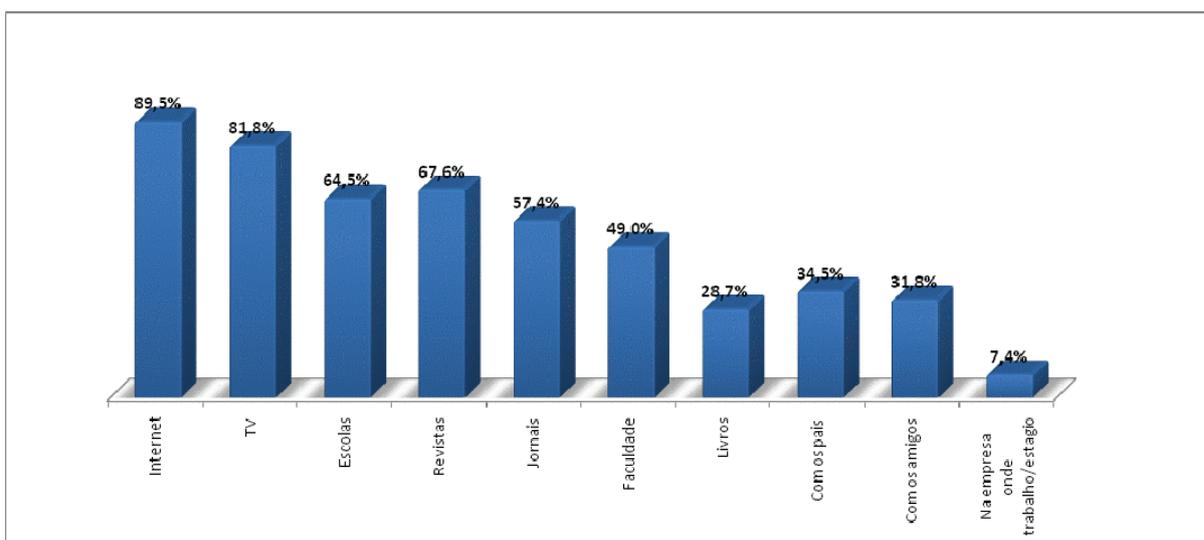


Figura 8 – Gráfico: Onde os respondentes procuram informações e/ou conhecimento.

Procuramos entender um pouco mais sobre a relação entre o nível de informação que os jovens afirmam possuir e o grau de acerto de determinadas questões cujo objetivo é o de aferir o conhecimento sobre sustentabilidade. Entre os alunos que se dizem bem ou muito bem informados, 83,8% acertam ao escolher a opção que traz como resposta a afirmação que sustentabilidade envolve questões ambientais, econômicas e sociais, e 67,4% marcam a opção que traz a definição correta de aquecimento global, mas há que se notar que 23,3% assinalam como correta uma definição errada de desenvolvimento sustentável, um conceito que imaginávamos plenamente conhecido pelos jovens. Também entre os jovens bem ou muito bem informados, 56,8% afirmam que buscam conscientizar as pessoas sobre os problemas ambientais.

5. Considerações Finais

Em síntese, a partir da investigação acerca da percepção, do interesse, do conhecimento e das práticas de universitários cariocas de classe média alta a respeito do tema sustentabilidade ambiental, verificamos que, se por um lado, esses jovens se consideram bem informados sobre questões ligadas a meio ambiente e sustentabilidade, de outro, como já se sabe para tantos outros aspectos da vida social, informação não implica atuação. Ser – ou se considerar – bem informado não significa que esses jovens atuem de maneira a sempre colocar em prática os conhecimentos adquiridos. Parece também haver certa fragmentação das informações e dos conhecimentos adquiridos sobre o tema, o que não chega a causar estranhamento visto que se trata de uma juventude conectada ao computador e ao mundo virtual, mas que, por vezes, tem dificuldades de estabelecer conexões entre os tantos elementos e possibilidades que fazem parte de seu universo. Meio ambiente é uma questão que os mobiliza, mas que também gera desconfiança no que tange às atuações, no campo ambiental, de governos e empresas. A maneira como esses jovens se ambientalizam passa, portanto: pelo conhecimento dos problemas e dos conceitos da área ambiental; por algumas práticas cotidianas de proteção do meio ambiente (como a redução do desperdício de recursos naturais, o “consumo consciente” e a conscientização das pessoas sobre os problemas ambientais, mas, por outro lado, não praticam boicotes a empresas e/ou produtos que agridem o meio ambiente, não contribuem com dinheiro e não trabalham como voluntários em organizações de defesa do meio ambiente); e pela percepção de que, as entidades ecológicas, os indivíduos e os governos são agentes responsáveis pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade. Por fim, fica a pergunta: que profissionais serão esses jovens universitários que desconsideram o empresariado como elemento responsável pela preservação do meio ambiente e pela promoção da sustentabilidade?

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta/ANPOCS, 1994.

CAEPM – Centro de Altos Estudos da ESPM. Disponível em: <<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/pesquisa/Pages/ProjetoJovem.aspx>>. Acesso em: 5 nov. 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.

_____. **O processo civilizador**. Volume 2: Formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.

FABIANI, Jean-Louis. **Principe de précaution et protection de la nature**. [199-?].

ISER-Instituto de Estudos da Religião. **O que os brasileiros pensam sobre a biodiversidade**. ISER: Rio de Janeiro, 2006.

LEIS, Héctor Ricardo. **O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização**. São Paulo/Blumenau: Editora Gaia/Editora da FURB, 1996.

LOPES, José Sergio et al. **A ambientalização dos conflitos sociais: participação e controle público da poluição industrial**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

MTV BRASIL. **Dossiê universo jovem**. MTV Brasil, 2008.

SAHLINS, Marshall. Categories culturelles et pratiques historiques. **Critique**, n. 456, 1985, p. 537-557.

_____. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

STOLLE, D., HOOGHE, M. and MICHELETTI, M., 2005. Politics in the supermarket: political consumerism as a form of political participation. **International Political Science Review**, 26 (3), 2005, pp.245-69.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

ⁱ *Ambientalização* significa o processo de aparecimento e adoção, por parte de um grupo social ou sociedade, de um conjunto de valores e práticas referentes aos cuidados com o meio ambiente.

ⁱⁱ A respeito da periodização da ambientalização e do histórico do ambientalismo, ver Leis (1996).

ⁱⁱⁱ ISER – Instituto de Estudos da Religião.

MMA – Ministério do Meio Ambiente.

^{iv} IESP – Instituição de Ensino Superior Privada.

^v Perguntas estimuladas, tanto para o Brasil como para o Rio de Janeiro. Eram apresentadas 11 opções de resposta.

^{vi} Nesta questão não é possível perceber claramente o que os jovens entendem por *consumo consciente*. Pretendemos aprofundar esse aspecto em uma próxima etapa de pesquisa qualitativa, onde esse tema será explorado.

^{vii} Vale ressaltar que trata-se uma questão aberta. Aqueles que respondiam afirmativamente à existência de preocupação e/ou prática sustentável em sua casa, na IESP ou na empresa deviam citar exemplos a esse respeito.

^{viii} Havia no questionário duas questões que foram incluídas no sentido de verificarmos o conhecimento dos alunos sobre: (i) as questões envolvidas no termo sustentabilidade. Nesta questão, mais de 80% acertaram, afirmando que sustentabilidade envolve questões ambientais, econômicas e sociais. (ii) as definições de desenvolvimento sustentável e de aquecimento global, e o Protocolo de Quioto. Nesta questão, quase 70% responderam corretamente, mas 22% erraram a definição de desenvolvimento sustentável.